

ANPOCS 2004  
XXVIII ENCONTRO ANUAL

“AVALIANDO O SENTIMENTO DE INSEGURANÇA NOS BAIRROS  
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO”

Autores: Renato Coelho Dirk  
Andréia Soares Pinto  
Ana Luísa Vieira de Azevedo

ST: CONFLITUALIDADE SOCIAL, ACESSO À JUSTIÇA E REFORMAS DO PODER  
JUDICIÁRIO

Coordenadores: Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo  
Roberto Kant de Lima  
Jacqueline Sinhoretto

## RESUMO

A violência e a criminalidade tornaram-se um problema comumente mencionado nas grandes cidades. O objetivo desta pesquisa foi compreender um pouco mais sobre a percepção da população acerca desta questão, dimensionando o sentimento de insegurança no Rio de Janeiro. Visou também levantar informações que permitissem avaliar e redimensionar as políticas públicas de segurança. Foram realizadas cinco pesquisas por cota em cada bairro selecionado, na cidade do Rio de Janeiro, distribuídos geograficamente da seguinte forma: Zona Sul (Lagoa e Botafogo); Zona Norte (Bonsucesso e Pavuna); e Zona Oeste (Campo Grande).

As pesquisas quantitativas foram realizadas entre os meses de abril e junho de 2004, seguindo um padrão amostral de 400 questionários para cada bairro, totalizando 2.000 entrevistas ao final do trabalho de campo.

Neste artigo, serão apresentados os principais resultados desta pesquisa, realizada pelo Núcleo de Pesquisa de Segurança Pública do Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (NUPESP/ISP), levando em consideração seus aspectos referentes às representações sociais com relação ao sentimento de insegurança dos indivíduos de diferentes realidades sociais.

Considera-se que o “sentimento de insegurança” (Sebastian Roché, 1993, 135), se estrutura mais a partir de percepções subjetivas dos fatos acontecidos e menos de percepções objetivas quanto à proximidade do perigo ou do risco da violência e do crime.

## 1. INTRODUÇÃO

O Instituto de Segurança Pública – ISP, sob a direção da Dra. Ana Paula Mendes de Miranda, é uma autarquia vinculada à Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro e tem em sua estrutura o Núcleo de Pesquisa em Justiça Criminal e Segurança Pública – NUPESP, que conta com pesquisadores qualificados para coordenar e desenvolver pesquisas de natureza qualitativa e quantitativa voltadas para a Segurança Pública. O ISP procura ainda articular-se com a comunidade acadêmica, com a sociedade civil e com outras esferas governamentais, buscando parcerias em programas de interesse comum.

A pesquisa Analisando o Sentimento de Insegurança nos Bairros do Rio de Janeiro foi realizada pelo NUPESP – Núcleo de Pesquisa em Justiça Criminal e Segurança Pública, sob a coordenação da Dra. Ana Paula Mendes de Miranda e o apoio financeiro da Faperj. Tal pesquisa teve como objetivo dimensionar, através de pesquisa quantitativa, o sentimento de insegurança dos moradores de alguns bairros da cidade do Rio de Janeiro de áreas com diferentes perfis socioeconômicos.

A seleção dos cinco bairros componentes desta pesquisa foi feita levando-se em conta o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de cada bairro, e segundo os fatores: renda, longevidade, escolaridade, a taxa anual de homicídios, e a população. Desta forma, foram selecionados os seguintes bairros: Zona Sul, Lagoa e Botafogo; Zona Norte, Bonsucesso e Pavuna; e Zona Oeste, Campo Grande.

	Número de Vítimas de Homicídio Doloso	População	Taxa Anual de Homicídio Doloso por 1.000 Habitantes	Índice de Desenvolvimento Humano	Índice de Renda	Índice de Longevidade	Índice de Educação
Bonsucesso	87	18.889	4,61	0,861	0,827	0,828	0,928
Pavuna	85	99.710	0,85	0,790	0,717	0,738	0,915
Campo Grande	146	330.821	0,44	0,810	0,751	0,747	0,931
Lagoa	2	17.182	0,12	0,959	1,000	0,882	0,996
Botafogo	10	76.699	0,13	0,952	0,979	0,888	0,990

A amostragem por cotas levou em consideração a distribuição populacional de cada bairro segundo gênero e idade<sup>1</sup>. Foram aplicados 400 questionários estruturados em cada bairro, somando 2.000 entrevistas ao todo. Foram feitas cinco pesquisas, o que possibilita a análise de cada bairro de forma distinta<sup>2</sup>.

A proposta deste artigo é apresentar alguns dos resultados mais significativos nestas pesquisas, mais especificamente com relação ao sentimento de insegurança, bem como apontar a singularidade de cada bairro.

Este artigo se divide em seis seções. A primeira, que compreende esta introdução, visa apresentar a forma como a pesquisa foi estruturada e o objetivo do artigo. Na segunda, são abordados os principais aspectos teóricos relacionados à questão da violência e criminalidade e os conceitos de sentimento de insegurança e medo. A seção três traz alguns dos resultados mais significativos da pesquisa, seguidos de uma análise descritiva dos dados e uma comparação com os dados oficiais publicados pelo ISP (Instituto de Segurança Pública). Já na quarta seção, a título de conclusão são feitas algumas considerações com base nos dados apresentados. A seção cinco apresenta a nota metodológica sobre a amostragem e ao final a bibliografia utilizada.

---

<sup>1</sup> A amostra foi calculada usando com base os dados do IPP (Instituto Pereira Passos), referentes à população dos bairros do Município do Rio de Janeiro, disponíveis no site (<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/index.htm>).

<sup>2</sup> Para maiores detalhes sobre a metodologia aplicada à amostra, intervalo de confiança e erro amostral, consulte a nota metodológica no final do artigo.

## 2. CRIMINALIDADE, VIOLÊNCIA E SENTIMENTO DE INSEGURANÇA

O tema da segurança tem sido um dos itens dominantes no debate público. Ele abrange vários aspectos da esfera social, desde a reforma do sistema judiciário até como a sociedade percebe a segurança pública. “O debate acerca das políticas públicas de segurança ainda não se distanciou muito das veementes discussões sobre como ‘exterminar’ a violência, continuando sob a forte pressão das percepções sociais de insegurança e medo, bem como das taxas, muitas vezes crescentes, de criminalidade urbana. Trata-se, então, de considerar a temática das políticas públicas como um objeto de estudo através do qual se pode enfrentar a questão da segurança, entendida como um fenômeno complexo, que envolve grupos sociais distintos, visando o controle negociado das várias violências, às quais os diferentes grupos são submetidos, inclusive as praticadas pelo próprio Estado...” (Kant de Lima, Misse e Miranda, 2000, 55).

Segundo Machado da Silva (2004, 33), a população das grandes cidades vive hoje num estado de preocupação permanente com a “violência urbana”.

Por “violência urbana” o autor entende um problema social e uma representação coletiva indicada por um complexo de práticas definidas como crime, cujo foco de atenção é o uso da força física que ameaça duas condições básicas do sentimento de segurança: a integridade física e a garantia patrimonial. “Violência urbana é a categoria de senso comum coletivamente construída para dar conta do fato de que faz parte da vida cotidiana um complexo de práticas do qual a força é o elemento aglutinador, responsável por sua articulação e relativa permanência ao longo do tempo” (2004, 35).

Para Machado, a ineficiência dos aparelhos de manutenção da ordem seria a variável causal mais importante apontada pela percepção de senso comum cristalizada nesta representação da violência urbana que, por sua vez capta e expressa uma ordem social, mais do que um conjunto de comportamentos isolados.

A representação da violência urbana reconhece um padrão específico de sociabilidade, chamado de “sociabilidade violenta”. Na sociabilidade violenta, os grupos não se organizam segundo referências à honra, ao familismo, à amizade etc (ex: máfia, gangues), ou a contratos, negociações ou acordos, mas sim por uma cadeia de submissão formada pelo reconhecimento do desequilíbrio de força, cujas áreas mais desfavorecidas, principalmente as favelas, são as regiões mais diretamente afetadas.

Esta característica fundamental da sociabilidade violenta indica, segundo o autor, a precariedade dos grupos assim formados e o exagero do tratamento jornalístico referente à “criminalidade organizada”.

As idéias de Machado se aproximam muito das de Sebastian Roché, a quem o desenvolvimento do conceito do sentimento de insegurança é atribuída. Segundo Sebastian Roché (1994, 25), a insegurança estaria associada ao aumento de uma nova violência urbana, o aumento das incivildades (vandalismo, grafites, má vizinhança etc.) que fazem parte da ordem social, mas que, ao mesmo tempo, não se incluem na ordem jurídica. O aumento da insegurança teria a ver com a multiplicação das desordens e com o aumento da delinqüência na sociedade contemporânea. Essas desordens que fazem parte do cotidiano da sociedade contemporânea alimentariam, segundo Roché, o argumento da insegurança em identificar como impotentes as polícias, frouxa a justiça e estéril o trabalho social.

Roché trabalha a noção de insegurança a partir do sentimento que ela desperta, de como os indivíduos o vivem e o sentem na realidade. Por sentimento de insegurança, segundo o autor, entendem-se as manifestações de medo pessoal ou as preocupações com as ordens verbais, comportamentais, individuais ou coletivas (Roché, 1993, 135). Esse sentimento de insegurança se define também como uma inquietação, e se cristaliza através do crime e nos seus atores. Com isso, o autor define dois níveis ideal-típicos do sentimento de insegurança: o medo e a preocupação com a ordem.

Com relação ao medo, Roché utiliza como variáveis o medo no domicílio, nas ruas, e as medidas de proteção no domicílio. Já na preocupação com a ordem, as variáveis são a autoridade na família, a repressão dos poderes políticos, a estigmatização dos delinquentes etc.

O sentimento de insegurança no nível ideal-típico do medo se associa a uma sensação difusa de angústia ou de ansiedade que permanece para além dos acontecimentos e que não possui um objeto definido.

O medo é também uma construção social, onde se teme o que se considera ser um grande perigo e não os riscos mais freqüentes. O crescimento efetivo dos índices de criminalidade não seria capaz, assim, de explicar o medo e a sentimento de insegurança<sup>3</sup>.

A medição do medo só pode ser feita a partir de estudos das representações sociais, e, a partir da análise comparativa entre o que o indivíduo diz ter medo e os dados quantitativos disponíveis acerca dos mesmos fatos. Para medir o medo é preciso conhecer, assim, os sinais cotidianos do medo.

Sob o ponto de vista político, o sentimento de insegurança se transformou numa questão que remete à relação Estado e sociedade: Estado – cujo dever seria proporcionar proteção; e sociedade – com poder de questionamento com relação à sua segurança (polícia ineficaz, justiça frouxa etc.).

O sentimento de insegurança se materializa no medo. Ele se alimenta muito pouco dos fatos concretos, mas sim, de impressões e informações transmitidas, principalmente, pelos meios de comunicação em massa. A urbanização e a cidade são duas fontes da violência, por isso a insegurança estar associada à sociedade contemporânea, como um problema contemporâneo<sup>4</sup>.

A preocupação com a ordem constitui o segundo nível ideal-típico do fenômeno da insegurança. Essa preocupação é observada em quatro aspectos:

---

<sup>3</sup> Ver Sento-Sé, 2003, 25.

<sup>4</sup> Ver também Silva, 2003.

1) a questão da ordem social: que não deve se reduzir à questão do crime, deixando de lado a problemática da insegurança face ao crime.

2) a sociedade moderna enquanto sociedade do risco: Beck acentua que o que caracteriza a contemporaneidade não são os riscos pessoais que sempre acompanharam a vida cotidiana dos atores sociais, mas sim os riscos globais (cisão nuclear, resíduos radioativos, etc.). “O conceito de risco está diretamente ligado ao conceito de modernização” (Beck, 1992, 21). Beck vai pensar esta questão a partir da globalização e dos riscos da civilização, afirmando que os riscos vêm de todos os lados, não sendo possível ao cidadão viver à margem deles. Esta situação de risco permanente pode originar uma situação de histeria ou de indiferença face à ordem social. Para Giddens, a modernidade se caracteriza a partir “do controle humano aberto aos mundos social e natural” (1998, 97), cujo efeito perverso é o sentimento de impotência para alterar o curso dos acontecimentos. Daí as duas atitudes apresentadas por Beck: a histeria ou a indiferença.

3) a cidade, sustentada pela individualização e pela mobilidade espacial: o sentimento de insegurança associado à cidade faz-nos pensar à primeira vista que a criminalidade e a delinquência acompanham a urbanização, o crescimento econômico, o aumento dos bens de consumo, a modificação dos estilos de vida e dos valores. É na cidade que se verificam dois fenômenos cruciais para a compreensão da sociedade contemporânea, a individualização e a mobilidade espacial e social, no entanto é preciso ter em mente também a multiplicidade das cidades, os diferentes modos de vida, diferentes modos de relacionamento, diferentes tensões e projetos, diferentes definições das mesmas situações, que se encaixam numa lógica de integração ou de marginalização.

4) o controle social: a individualização e a mobilidade dificultam o controle social e implicam não só a possibilidade, mas também a necessidade dos atores sociais se tornarem “mais livres” (Elias 1993, 152) – maior liberdade e maior risco. Não é possível, segundo Elias, pensarmos separadamente as noções de individualização e de controle social.

Segundo Kant de Lima, no Brasil, diferente dos Estados Unidos, o controle social assumido pelo Estado funciona através de um sistema jurídico pensado a partir de formulações legais especializadas legislativa ou judicialmente, sem regras explícitas e estabelecido fora do âmbito da vontade “popular” e “democrática”, criando, assim, uma estrutura hierarquizada e piramidal, constituída de partes desiguais mas complementares (Kant de Lima, 1999, 23-25). Esta

estrutura de controle social dificulta, segundo o autor, a legitimação da ordem como uma regra comum a todos de forma igualitária e amplamente entendida, dificultando ainda mais a negociação entre poder e sociedade para a produção de novos ordenamentos sociais. “Aqui as diferenças que produzem inevitáveis conflitos de interesses são reduzidas a sua significação inicial dada por uma relação fixa com contextos mais amplos do todo social. As diferenças não exprimem igualdade formal, mas desigualdade formal, própria da lógica da complementaridade, onde cada um tem o seu lugar previamente definido na estrutura social. A estratégia de controle social, aqui, é repressiva, visando manter o *status quo* ante a qualquer preço, sob pena de desmoronar-se toda a estrutura social” (Kant de Lima, 2000).

Tal sistema descrito por Kant de Lima produz como consequência perversa a *manutenção* da ordem apenas através de estratégias repressivas, geralmente por meio de organismos policiais, impedindo, desta forma, a construção e manutenção de uma ordem pública democrática baseada na “negociação pública dos interesses divergentes de partes iguais” (Kant de Lima, *op. cit.*).

O tratamento desigual e a naturalização desta desigualdade geram a falta de credibilidade e o clima de desconfiança no sistema institucional por parte da sociedade, que passa a não acreditar no poder institucional de administração e solução de conflitos, favorecendo o crescimento da violência no cotidiano social e, por consequência, do sentimento de insegurança.

Assim sendo, passaremos à observação dos resultados da pesquisa nos bairro levando em consideração a noção de Roché a partir do sentimento de insegurança, de como os indivíduos o vivem e o sentem na realidade, em comparação aos dados oficiais.

### 3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa mostrou que dos cinco bairros pesquisados a Lagoa apresenta a pior opinião sobre a segurança no bairro em todos os aspectos analisados.

**Tabela 1**

Nos últimos seis meses, o policiamento no seu bairro tem sido:

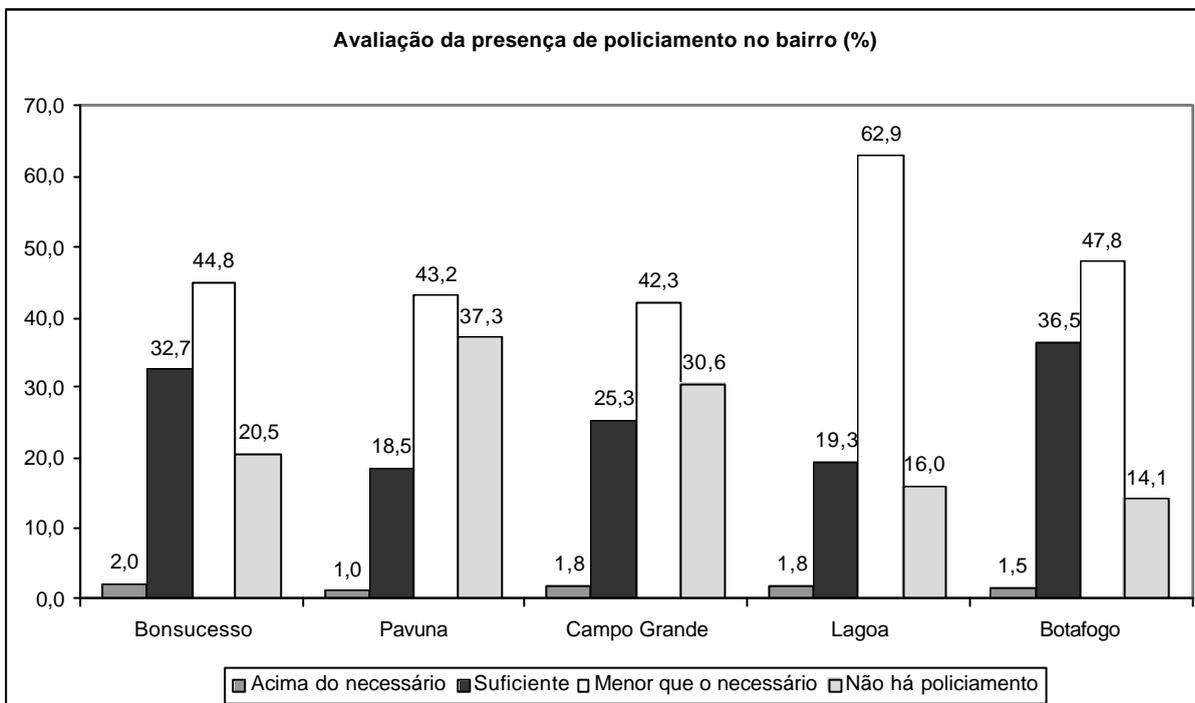
Bairro			Acima do	Suficiente	Menor que o	Não há	Total
			necessário		necessário	policiamento	
Bonsucesso	Count <sup>a</sup>		8	129	177	81	395
	%		2,0%	32,7%	44,8%	20,5%	100,0%
Pavuna	Count <sup>a</sup>		4	72	168	145	389
	%		1,0%	18,5%	43,2%	37,3%	100,0%
Campo Grande	Count <sup>a</sup>		7	100	167	121	395
	%		1,8%	25,3%	42,3%	30,6%	100,0%
Lagoa	Count <sup>a</sup>		7	76	248	63	394
	%		1,8%	19,3%	62,9%	16,0%	100,0%
Botafogo	Count <sup>a</sup>		6	142	186	55	389
	%		1,5%	36,5%	47,8%	14,1%	100,0%
Total	Count <sup>a</sup>		32	519	946	465	1962
	%		1,6%	26,5%	48,2%	23,7%	100,0%

a. "Count" ou "abs" refere-se à frequência observada para uma determinada categoria.

Em todos os cinco bairros pesquisados o policiamento foi classificado como menor que o necessário. No entanto, são os moradores dos bairros da Zona Sul, Lagoa (62,9%) e Botafogo (47,8%), os que sentem mais fortemente essa necessidade. O bairro de Botafogo se destaca também pela divisão de opiniões de forma dicotômica entre aqueles que acham o policiamento suficiente (36,5%) e os que acham que é menor que o suficiente (47,8%). Observe no gráfico abaixo que a Lagoa se destaca pela insatisfação com a quantidade do policiamento, enquanto em Bonsucesso, a quantidade de policiamento como suficiente é vista por um alto percentual de entrevistados (32,7%)<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> O qui-quadrado igual a 127,544, com 12 graus de liberdade e 0,00001 de significância. Sobre o teste de qui-quadrado, ver nota metodológica na quinta seção deste documento.

**Gráfico 1**



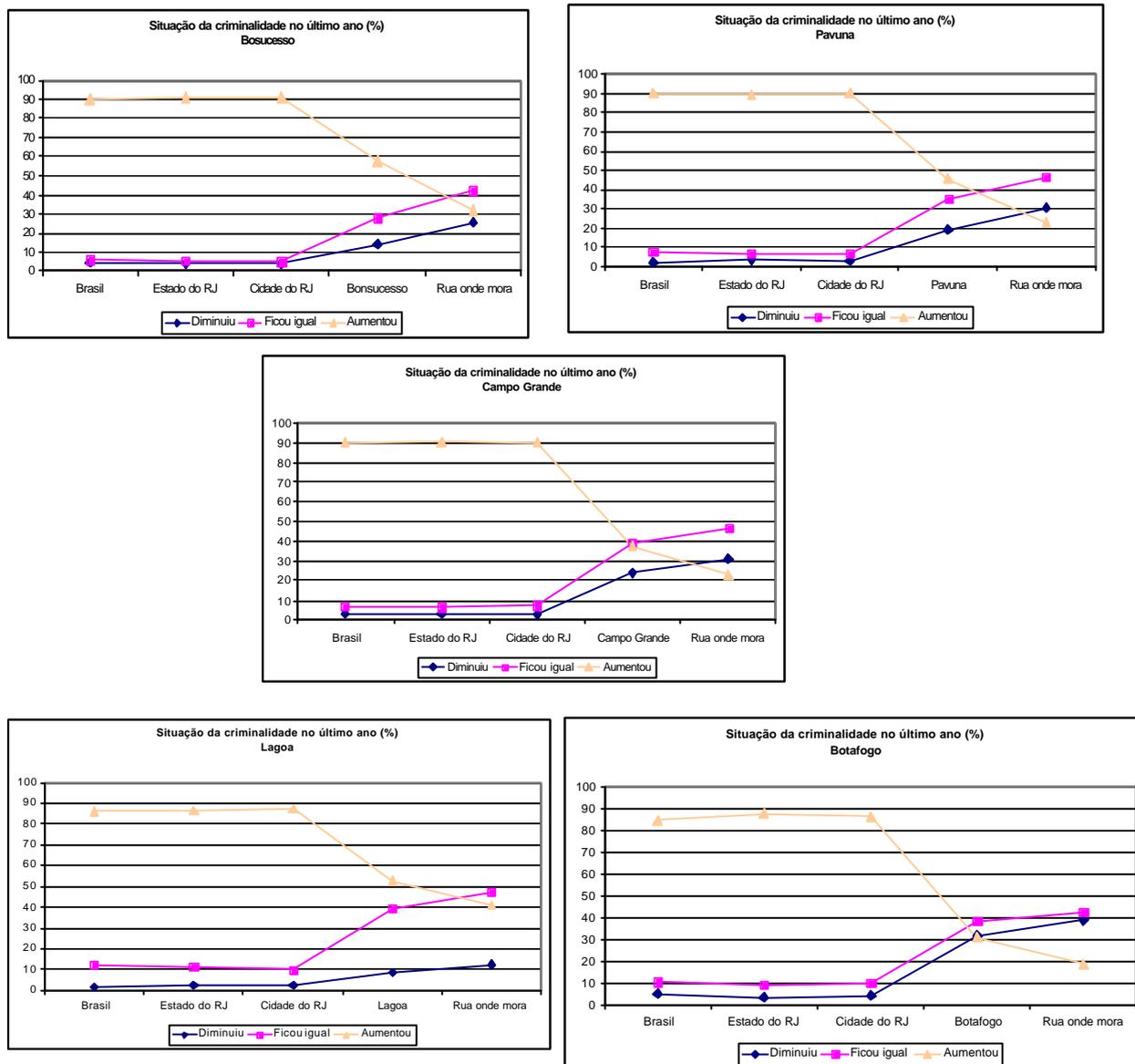
Já na tabela e nos gráficos abaixo, observa-se que, há um padrão com relação à opinião geral sobre o aumento da criminalidade, qual seja, quanto mais distante do indivíduo e, quanto mais ampla a dimensão analisada, maior a tendência dos entrevistados em achar que a criminalidade tem aumentado. Quanto mais distante do local de moradia, maior será a tendência em achar que a violência aumentou. Como coloca Roché, a insegurança se alimenta muito mais de impressões difusas e distantes da realidade cotidiana do ator social do que de fatos reais.

O bairro da Lagoa se destaca por fugir um pouco deste padrão apresentando a pior visão sobre a criminalidade na rua onde mora entre os cinco bairros. Dos entrevistados na Lagoa, 41% acharam que a criminalidade aumentou no local, contra 32% em Bonsucesso, 23% na Pavuna, 23% em Campo Grande e 19% em Botafogo. Ou seja, para os moradores da Lagoa, a criminalidade é sentida de forma muito próxima, muito embora apresente os menores números de registros de delitos dentre todos os bairros pesquisados, como mostra a tabela 9, na página 26.

Tabela 2

Opinião sobre a situação da violência no último ano						
<b>Brasil</b>						
		Bonsucesso	Pavuna	Campo Grande	Lagoa	Botafogo
Diminuiu	abs	17	9	13	6	20
	%	<b>4.3</b>	<b>2.3</b>	<b>3.3</b>	<b>1.5</b>	<b>5.1</b>
Ficou igual	abs	23	31	26	49	41
	%	<b>5.8</b>	<b>7.8</b>	<b>6.6</b>	<b>12.5</b>	<b>10.4</b>
Aumentou	abs	356	358	353	338	334
	%	<b>89.9</b>	<b>89.9</b>	<b>90.1</b>	<b>86.0</b>	<b>84.6</b>
Total	abs	396	398	392	393	395
	%	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
<b>Estado do Rio de Janeiro</b>						
		Bonsucesso	Pavuna	Campo Grande	Lagoa	Botafogo
Diminuiu	abs	15	15	12	9	13
	%	<b>3.9</b>	<b>3.8</b>	<b>3.1</b>	<b>2.3</b>	<b>3.4</b>
Ficou igual	abs	20	27	24	45	36
	%	<b>5.2</b>	<b>6.8</b>	<b>6.2</b>	<b>11.5</b>	<b>9.3</b>
Aumentou	abs	346	354	352	339	338
	%	<b>90.8</b>	<b>89.4</b>	<b>90.7</b>	<b>86.3</b>	<b>87.3</b>
Total	abs	381	396	388	393	387
	%	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
<b>Cidade do Rio de Janeiro</b>						
		Bonsucesso	Pavuna	Campo Grande	Lagoa	Botafogo
Diminuiu	abs	16	13	11	10	16
	%	<b>4.0</b>	<b>3.3</b>	<b>2.8</b>	<b>2.5</b>	<b>4.1</b>
Ficou igual	abs	19	27	28	40	39
	%	<b>4.8</b>	<b>6.9</b>	<b>7.1</b>	<b>10.1</b>	<b>9.9</b>
Aumentou	abs	362	354	355	346	339
	%	<b>91.2</b>	<b>89.8</b>	<b>90.1</b>	<b>87.4</b>	<b>86.0</b>
Total	abs	397	394	394	396	394
	%	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
<b>Bairro</b>						
		Bonsucesso	Pavuna	Campo Grande	Lagoa	Botafogo
Diminuiu	abs	55	76	93	34	122
	%	<b>14.1</b>	<b>19.4</b>	<b>23.7</b>	<b>8.7</b>	<b>31.4</b>
Ficou igual	abs	109	137	153	152	148
	%	<b>27.9</b>	<b>35.0</b>	<b>38.9</b>	<b>38.9</b>	<b>38.0</b>
Aumentou	abs	226	178	147	205	119
	%	<b>57.9</b>	<b>45.5</b>	<b>37.4</b>	<b>52.4</b>	<b>30.6</b>
Total	abs	390	391	393	391	389
	%	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
<b>Rua onde mora</b>						
		Bonsucesso	Pavuna	Campo Grande	Lagoa	Botafogo
Diminuiu	abs	100	119	122	47	152
	%	<b>25.4</b>	<b>30.3</b>	<b>30.8</b>	<b>12.2</b>	<b>38.7</b>
Ficou igual	abs	167	182	184	181	166
	%	<b>42.5</b>	<b>46.3</b>	<b>46.5</b>	<b>46.9</b>	<b>42.2</b>
Aumentou	abs	126	92	90	158	75
	%	<b>32.1</b>	<b>23.4</b>	<b>22.7</b>	<b>40.9</b>	<b>19.1</b>
Total	abs	393	393	396	386	393
	%	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Gráfico 2



Observe nos gráficos acima que as linhas têm traçados muito semelhantes, merecendo destaque para a percepção dos moradores da Lagoa quanto à diminuição da violência (linha azul). Enquanto que nos outros bairros esta linha segue quase que paralelamente a linha respectiva à violência ter permanecido igual no último ano (linha rosa), na Lagoa elas se distanciam,

mostrando que os moradores na Lagoa que acham que a violência diminuiu no bairro e na rua onde moram é significativamente menor que nos outros bairros<sup>6</sup>.

A visão mais pessimista dos moradores da Lagoa com relação à criminalidade perto do local de moradia é seguida por uma maior frequência de observações com relação a crimes acontecidos com conhecidos ou parentes próximos<sup>7</sup>. Este fato poderia ajudar a explicar a visão mais crítica com relação à segurança do bairro. Mais de 68% dos entrevistados na Lagoa já tomaram conhecimento de casos de pessoas vítimas de algum crime no bairro (tabela 5), e 40,8% já foram ou tiveram alguém próximo vítima de algum crime (tabela 4). Esses dois últimos percentuais são os maiores comparados com os outros bairros pesquisados. Mas, apesar disso, quase 52% dos entrevistados acharam que a chance de serem assaltados dentro do bairro é pequena ou nenhuma (observe as duas primeiras colunas da tabela 3), criando, de certa forma, uma controvérsia quanto à percepção desses moradores.

**Tabela 3**

**Hoje em dia, a chance de ser assaltado dentro de seu bairro é:**

Bairro			Muito pequena/Nenhuma				Total
			Muito pequena/Nenhuma	Pequena	Grande	Muito Grande	
Bonsucesso	Count		74	173	102	45	394
	%		18,8%	43,9%	25,9%	11,4%	100,0%
Pavuna	Count		78	160	97	57	392
	%		19,9%	40,8%	24,7%	14,5%	100,0%
Campo Grande	Count		75	194	94	32	395
	%		19,0%	49,1%	23,8%	8,1%	100,0%
Lagoa	Count		34	171	144	46	395
	%		8,6%	43,3%	36,5%	11,6%	100,0%
Botafogo	Count		64	196	111	23	394
	%		16,2%	49,7%	28,2%	5,8%	100,0%
Total	Count		325	894	548	203	1970
	%		16,5%	45,4%	27,8%	10,3%	100,0%

<sup>6</sup> Qui-quadrado igual a 99,828, para 8 graus de liberdade e 0.00001 de significância.

<sup>7</sup> O qui-quadrado para o bairro da Lagoa foi de 26,459 para 2 graus de liberdade, com 0,00001 de significância. O teste de qui-quadrado também foi significativo para os outros bairros pesquisados.

**Tabela 4****O(a) Sr(a) ou alguém próximo foi vítima de algum crime no seu bairro?**

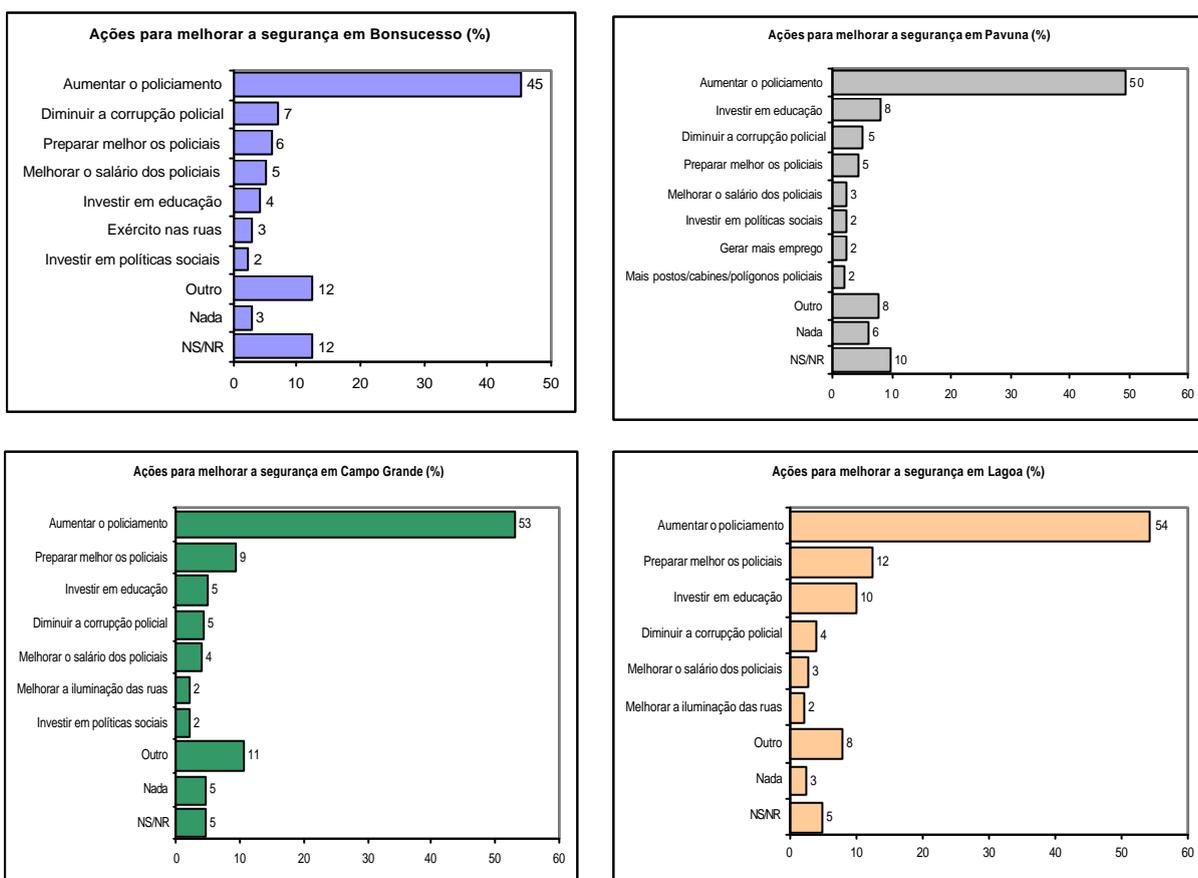
			Sim	Não	Total
Bairro	Bonsucesso	Count	126	271	397
		%	31,7%	68,3%	100,0%
	Pavuna	Count	144	255	399
		%	36,1%	63,9%	100,0%
	Campo Grande	Count	148	252	400
		%	37,0%	63,0%	100,0%
	Lagoa	Count	162	235	397
		%	40,8%	59,2%	100,0%
	Botafogo	Count	103	294	397
		%	25,9%	74,1%	100,0%
Total		Count	683	1307	1990
		%	34,3%	65,7%	100,0%

**Tabela 5****Soube de algum crime cometido contra outra pessoa qualquer no seu bairro?**

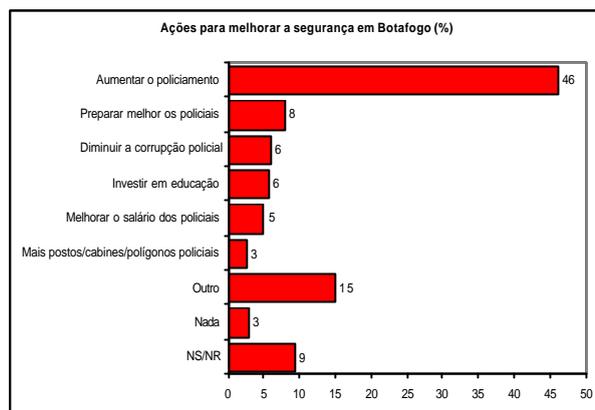
			Sim	Não	Total
Bairro	Bonsucesso	Count	187	205	392
		%	47,7%	52,3%	100,0%
	Pavuna	Count	231	167	398
		%	58,0%	42,0%	100,0%
	Campo Grande	Count	225	167	392
		%	57,4%	42,6%	100,0%
	Lagoa	Count	272	126	398
		%	68,3%	31,7%	100,0%
	Botafogo	Count	159	231	390
		%	40,8%	59,2%	100,0%
Total		Count	1074	896	1970
		%	54,5%	45,5%	100,0%

Já com relação aos tipos de ações que poderiam melhorar a segurança no bairro, as diferenças são sutis. Quatro itens se revezam entre os mais citados nos cinco bairros, são eles: “aumentar o policiamento”, “preparar melhor os policiais”, “investir em educação” e “diminuir a corrupção policial”<sup>8</sup>. Observe os gráficos a seguir:

**Gráfico 3**



<sup>8</sup> A pergunta sobre o que acha que poderia ser feito para melhorar a segurança no seu bairro, era uma questão aberta, ou seja, o entrevistado respondia de forma espontânea, sem opções pré-determinadas.



Em Bonsucesso (primeiro gráfico), assim como em Botafogo (gráfico acima), as ações que melhorariam a segurança na opinião dos moradores estão referidas primeiramente à polícia. Elas se referem não só no aumento efetivo do policiamento (45%), mas também com relação à corrupção (7%), ao preparo (6%) e à remuneração (4%).

Na Pavuna, destaca-se como segundo item mais citado a preocupação com a educação (8%), e em menor frequência, em sexto e sétimo lugares, mais igualmente importantes, a preocupação com políticas sociais (2%) e a geração de empregos (2%), o que mostra uma visão mais geral dos entrevistados como relação às questões que afetam a segurança.

Campo Grande e Lagoa possuem um perfil muito parecido com relação às ações para melhorar a segurança no bairro. São também os bairros com maiores percentuais relacionados ao aumento do policiamento como ação eficaz, 53% e 54%, respectivamente.

Mas, com relação ao policiamento existente no bairro, há uma divisão equilibrada para a maioria dos bairros entre aqueles que se sentem seguros e aqueles que não se sentem seguros com o policiamento (tabela 6). Com exceção da Lagoa, onde 61,9% consideram-se seguros com o policiamento no bairro, e Botafogo com 56,5%, nos outros bairros essa diferença chega no máximo a 2,5 pontos percentuais dos que não se sentem seguros, como é o caso de Campo Grande. Essa distribuição indica, com exceção da Lagoa, que o sentimento de insegurança não possui uma relação direta com a presença do policiamento.

**Tabela 6**

**O policiamento no seu bairro faz se sentir mais seguro?**

			Sim	Não	Total
Bairro	Bonsucesso	Count	199	196	395
		%	50,4%	49,6%	100,0%
	Pavuna	Count	197	193	390
		%	50,5%	49,5%	100,0%
	Campo Grande	Count	207	187	394
		%	52,5%	47,5%	100,0%
	Lagoa	Count	245	151	396
		%	61,9%	38,1%	100,0%
	Botafogo	Count	222	171	393
		%	56,5%	43,5%	100,0%
Total		Count	1070	898	1968
		%	54,4%	45,6%	100,0%

Numa outra questão, ao ser perguntado ao entrevistado se ele já havia passado por alguma das seguintes situações com um policial: apresentasse documentos, fosse revistado ou fosse detido; era questionado em seguida se essas operações policiais o faziam se sentir mais seguro como relação à criminalidade. Em todos os bairros a resposta foi positiva a partir de cinquenta e cinco por cento dos casos, com exceção da Lagoa, onde apenas 48,3% opinaram da mesma forma. Há na Lagoa, portanto, uma controvérsia entre o sentimento de segurança com a presença policial, ao mesmo tempo em que as ações policiais parecem não diminuir a insegurança.

Segundo aponta Garotinho et al, “o comportamento do policial é decisivo para a promoção da credibilidade das instituições democráticas. Mas, nas esquinas dos bairros pobres, o representante fardado do Estado revela a todos que o princípio universalista da cidadania só vale para os membros das elites: o que se observa são tratamentos diferenciados para classes desiguais” (1998, 12).

Há também aquelas ações que são a causa da insegurança.

**Tabela 7****Ações policiais que trazem insegurança no bairro**

	abs	%
Abuso de autoridade	195	18,8
Blitz policial	157	15,1
Confronto com tráfico	155	14,9
Entrar atirando	128	12,3
Excesso de violência	108	10,4
Corrupção policial	64	6,2
Rondas policiais	27	2,6
Expor as armas	28	2,7
Abordagem agressiva	28	2,7
Despreparo policial	16	1,5
Invasão dos domicílios	10	1,0
Descaso/displícência da polícia	10	1,0
Aceitar suborno	9	,9
Envolvimento com tráfico/ bandidos	9	,9
Ausência de policiamento	6	,6
Abordagem à noite	4	,4
Outro	55	5,3
NS/NR	31	3,0
Total	1040	100,0

Dentre as ações policiais que causam maior insegurança estão o abuso de autoridade (18,8%), a blitz policial (15,1%) e o confronto com o tráfico (14,9%). Essas ações aumentam o receio das pessoas de se tornarem vítimas de alguma arbitrariedade ou se envolverem numa situação de conflito, com troca de tiros entre policiais e bandidos.

Falando de cada bairro especificamente, em Bonsucesso as ações policiais que mais causam insegurança são: o confronto com o tráfico (23%), entrar atirando no local (18,3%) e abuso de autoridade (13,5%). Na Pavuna as mais citadas foram: abuso de autoridade (20,9%), confronto com o tráfico (14,3%), e entrar atirando (13,5%). Em Campo Grande: abuso de autoridade (22,6%), blitz policial (18,1%) e confronto com o tráfico (11,6%). Na Lagoa elas são: blitz policial (35%), abuso de autoridade (18,5%) e excesso de violência (5,7%). E finalmente em

Botafogo, as ações que mais causam insegurança são: abuso de autoridade (18,8%), confronto com o tráfico (17,4%) e excesso de violência (15,6%).

Note que nos locais mais próximos das regiões onde são constantes os atritos entre policiais e bandidos, locais que possuem favelas com tráfico de drogas, a preocupação em se tornar vítima nesses confrontos torna-se maior. Tanto o é que na Lagoa, único bairro dos cinco pesquisados que não possui favelas muito próximas à sua vizinhança, as ações policiais que mais preocupam os moradores diferem significativamente dos outros bairros.

Também é atribuída uma maior responsabilidade da polícia nesses tipos de ações. Pode-se dizer que os itens “confronto com o tráfico” e “entrar atirando” estão normalmente relacionados e aponta tanto policiais quanto bandidos, mas o segundo item é atribuído diretamente à ação policial que arca com o ônus do ato.

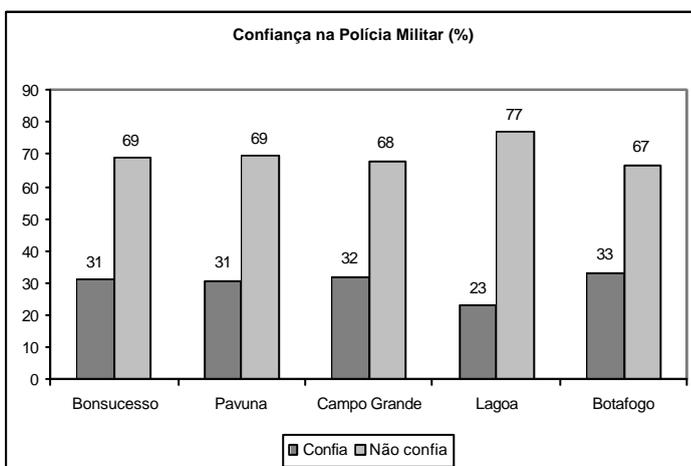
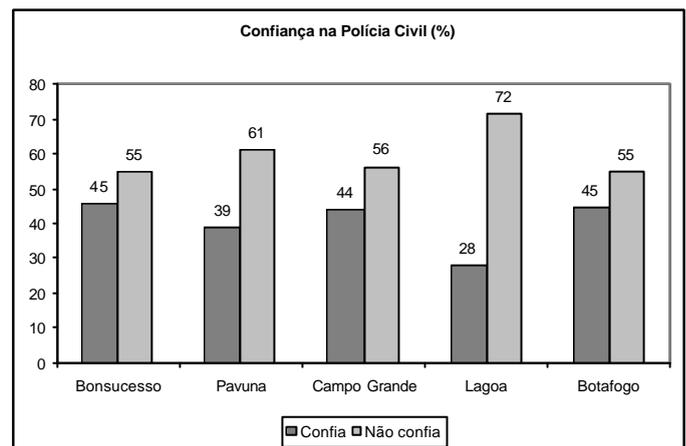
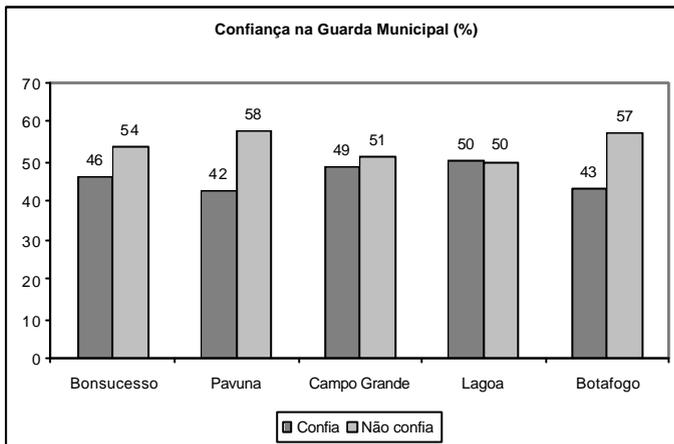
A consequência disso se reflete no grau de confiança das pessoas nessa instituição. Observando o gráfico 4 na página seguinte notamos que a Guarda Municipal, apesar de não pertencer à instituição policial, e a polícia civil são as que gozam de melhor grau de confiança junto aos moradores da maioria dos bairros pesquisados. Há que se ressaltar que nos bairros pesquisados as delegacias já fazem parte do programa de Delegacia Legal, que pretende modificar a forma de operar da polícia, incluindo a reforma dos prédios e a supressão da carceragem.

Há ainda para essas duas instituições distribuições semelhantes entre confiança e não confiança. Já a Polícia Militar é a instituição em que as pessoas menos confiam. Merecem destaque os percentuais referentes à Lagoa como bairro que mais confia na guarda municipal e menos confia nas polícias civil e militar.

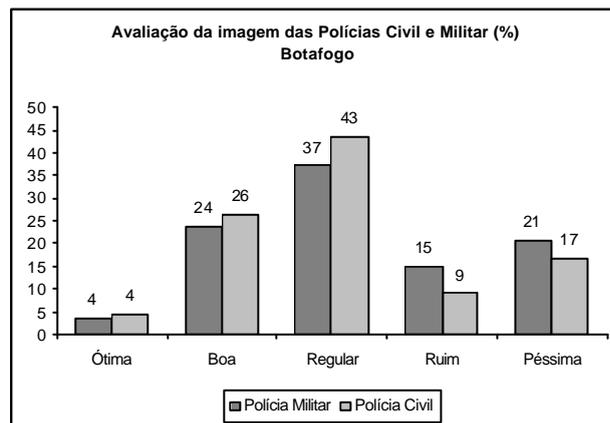
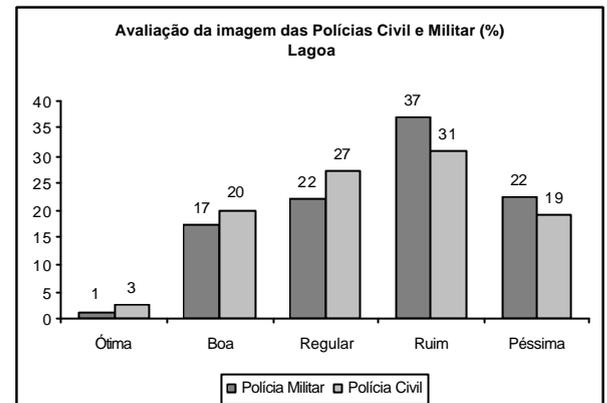
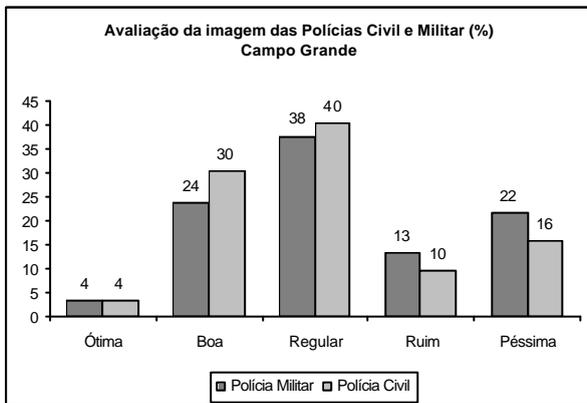
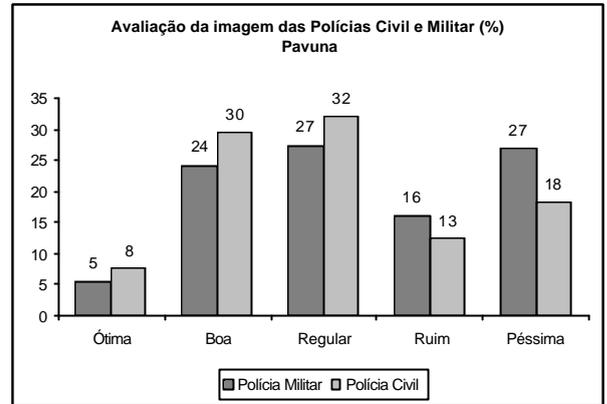
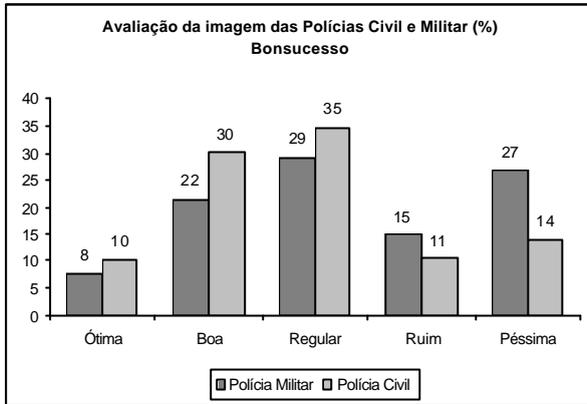
No gráfico 5, observar -se, comparando a imagem das duas polícias, que enquanto na maioria dos bairros as duas Polícias têm uma avaliação de regular para boa, com uma pequena vantagem da polícia civil frente à polícia militar; na Lagoa esta avaliação para a ser de ruim para péssima, com uma desvantagem ainda maior da polícia militar nesse aspecto. Mesmo assim,

como visto na tabela 6, o policiamento para a maioria desses moradores faz com que estes se sintam mais seguros.

**Gráfico 4**



**Gráfico 5**



Em todos os bairros as pessoas acham que as notícias publicadas nos meios de comunicação geralmente refletem bem os fatos ocorridos, sendo que somente na Lagoa este percentual superou a metade das respostas, onde 63,3% dos entrevistados acham que as notícias refletem bem os fatos ocorridos. É importante notar que mais da metade dos entrevistados (52%) declarou que fica sabendo dos casos de crime e violência acontecidos no bairro através dos meios de comunicação (rádio, jornais e TV).

Foi unânime também para todos os bairros a percepção de que as notícias sobre criminalidade no Rio de Janeiro têm mais destaque nos meios de comunicação e que a causa disto foi atribuída, na maioria das vezes à atuação do crime organizado na cidade.

**Tabela 8**

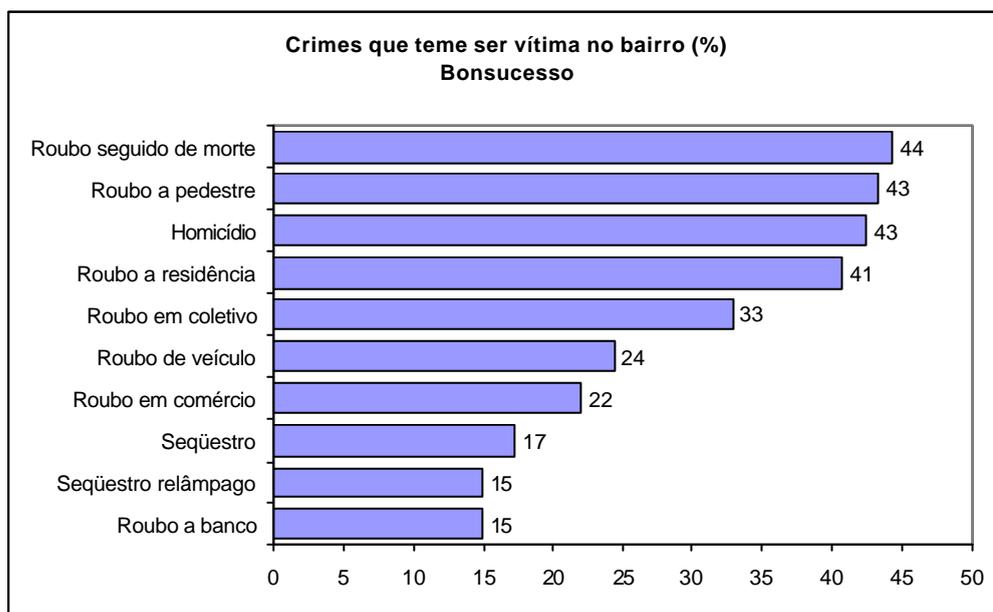
**Comparando o que sai na mídia com relação à criminalidade e o que acontece no seu bairro, diria que as notícias:**

		Exageram os fatos ocorridos	Refletem bem os fatos ocorridos	Diminuem os fatos ocorridos	NS/NR	Total	
Bairro	Bonsucesso	Count	122	168	90	20	400
		%	30,5%	42,0%	22,5%	5,0%	100,0%
	Pavuna	Count	136	156	88	20	400
		%	34,0%	39,0%	22,0%	5,0%	100,0%
	Campo Grande	Count	127	180	81	12	400
		%	31,8%	45,0%	20,3%	3,0%	100,0%
	Lagoa	Count	87	253	49	11	400
		%	21,8%	63,3%	12,3%	2,8%	100,0%
	Botafogo	Count	135	146	87	32	400
		%	33,8%	36,5%	21,8%	8,0%	100,0%
Total		Count	607	903	395	95	2000
		%	30,4%	45,2%	19,8%	4,8%	100,0%

Um outro aspecto observado nesta pesquisa foi saber onde estariam os maiores temores das pessoas com relação à criminalidade. Com relação ao horário, por exemplo, em Botafogo e em Campo Grande 11,6% (em cada bairro) dos entrevistados dizem não se sentir inseguros para sair de casa, apesar de nos cinco bairros, a maioria assumir se sentir inseguro de sair à noite. Também em todos os bairros, com exceção de Botafogo, a maioria das pessoas admitiu que mudaram alguns hábitos cotidianos como ir ao banco ou sair com objetos de valor, por causa da criminalidade.

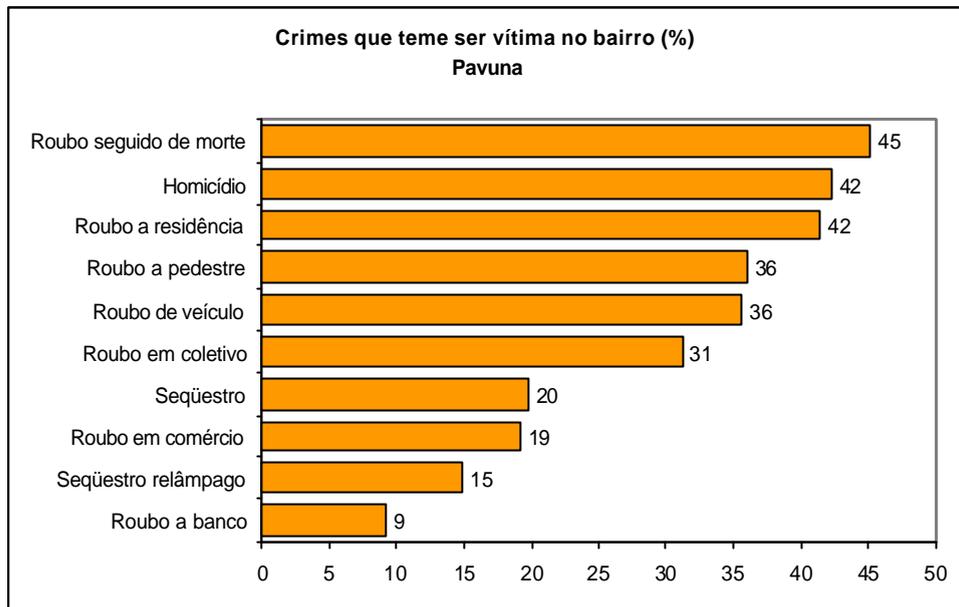
Numa tentativa de comparar o temor das pessoas a certos tipos de delitos (insegurança subjetiva) com os dados disponíveis com relação a esses mesmos delitos publicados mensalmente pelo Instituto de Segurança Pública (insegurança objetiva)<sup>9</sup>, chegamos aos seguintes resultados:

**Gráfico 6**

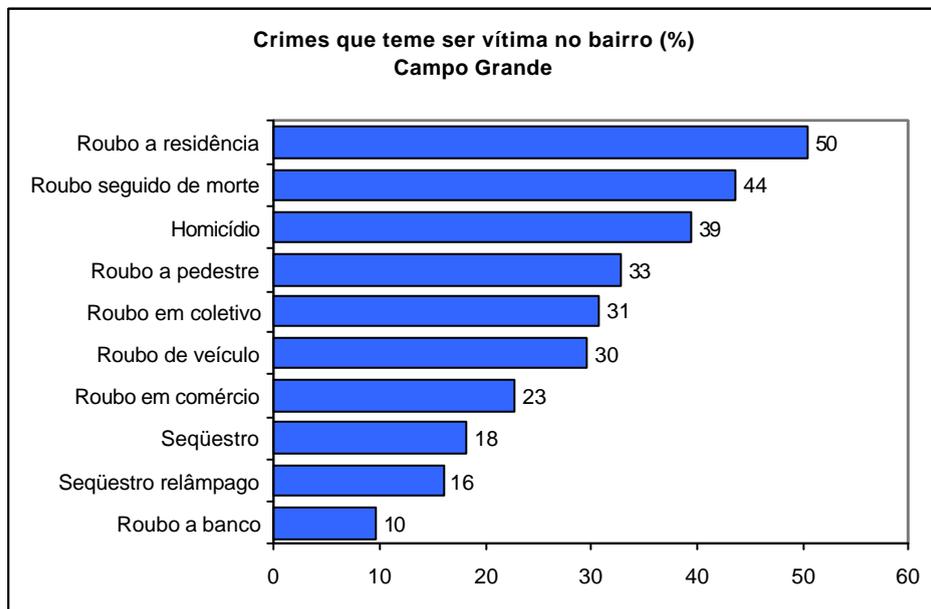


<sup>9</sup> Dentro do conceito proposto por Jorge da Silva, mencionados anteriormente na segunda seção e desenvolvido em seu livro Segurança Pública e Polícia: criminologia crítica aplicada, Rio de Janeiro: Forense, 2003.

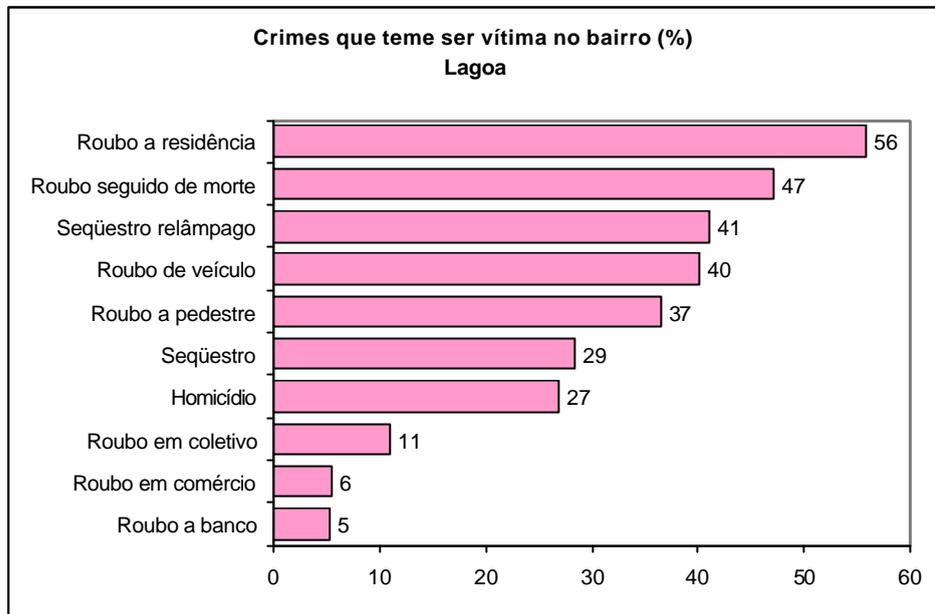
**Gráfico 7**



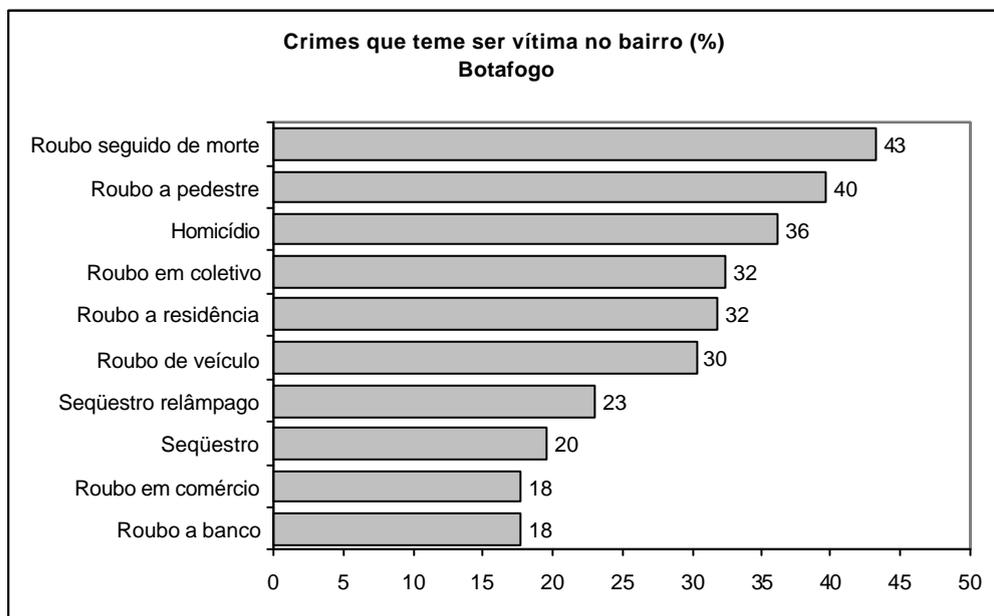
**Gráfico 8**



**Gráfico 9**



**Gráfico 10**



Comparemos agora os números divulgados pelo Instituto de Segurança Pública para os mesmos tipos de delitos nos meses de abril, maio e junho, quando ocorreu a maioria das entrevistas, com os gráficos das páginas anteriores (gráficos 6, 7, 8, 9 e 10) referentes aos tipos de delito que mais teme ser vítima.

**Tabela 9**

Delitos registrados na região da Lagoa, nº absolutos (AISP 23)					
	abr	mai	jun	total	média
Roubo a pedestre	42	26	23	91	30
Roubo em coletivo	2	3	4	9	3
Roubo a banco	0	0	0	0	0
Roubo seguido de morte	1	0	0	1	0,3
Seqüestro	0	0	1	1	0,3
Seqüestro relâmpago	0	0	0	0	0
Homicídio	7	0	2	9	3
Roubo a residência	3	3	4	10	3
Roubo de veículo	19	11	10	40	13
Roubo em comércio	2	11	10	23	8

fonte: Boletim Mensal de Monitoramento e Análise, nº 12, 13 e 14, NUPESP, 2004.

Delitos registrados na região de Campo Grande, nº absolutos (AISP 39)					
	abr	mai	jun	total	média
Roubo a pedestre	58	54	65	177	59
Roubo em coletivo	10	3	8	21	7
Roubo a banco	0	1	0	1	0
Roubo seguido de morte	0	0	0	0	0
Seqüestro	0	0	0	0	0
Seqüestro relâmpago	0	0	0	0	0
Homicídio	22	32	13	67	22
Roubo a residência	8	7	10	25	8
Roubo de veículo	63	92	79	234	78
Roubo em comércio	23	11	19	53	18

fonte: Boletim Mensal de Monitoramento e Análise, nº 12, 13 e 14, NUPESP, 2004.

Delitos registrados na região de Botafogo, nº absolutos (AISP 2)					
	abr	mai	jun	total	média
Roubo a pedestre	45	60	45	150	50
Roubo em coletivo	6	10	6	22	7
Roubo a banco	0	0	0	0	0
Roubo seguido de morte	0	0	0	0	0
Seqüestro	0	0	0	0	0
Seqüestro relâmpago	0	0	0	0	0
Homicídio	4	3	5	12	4
Roubo a residência	3	4	6	13	4
Roubo de veículo	25	38	38	101	34
Roubo em comércio	11	13	14	38	13

fonte: Boletim Mensal de Monitoramento e Análise, nº 12, 13 e 14, NUPESP, 2004.

Delitos registrados na região de Bonsucesso, nº absolutos (AISP 22)					
	abr	mai	jun	total	média
Roubo a pedestre	47	50	40	137	46
Roubo em coletivo	11	14	27	52	17
Roubo a banco	0	0	0	0	0
Roubo seguido de morte	0	0	1	1	0
Seqüestro	0	0	0	0	0
Seqüestro relâmpago	0	0	0	0	0
Homicídio	9	43	12	64	21
Roubo a residência	2	2	0	4	1
Roubo de veículo	160	175	107	442	147
Roubo em comércio	9	11	8	28	9

fonte: Boletim Mensal de Monitoramento e Análise, nº 12, 13 e 14, NUPESP, 2004.

Delitos registrados na região da Pavuna, nº absolutos (AISP 9)					
	abr	mai	jun	total	média
Roubo a pedestre	226	195	207	628	209
Roubo em coletivo	53	48	53	154	51
Roubo a banco	0	0	0	0	0
Roubo seguido de morte	0	1	1	2	1
Seqüestro	0	0	0	0	0
Seqüestro relâmpago	2	0	0	2	1
Homicídio	48	50	53	151	50
Roubo a residência	5	8	13	26	9
Roubo de veículo	557	546	563	1666	555
Roubo em comércio	76	54	60	190	63

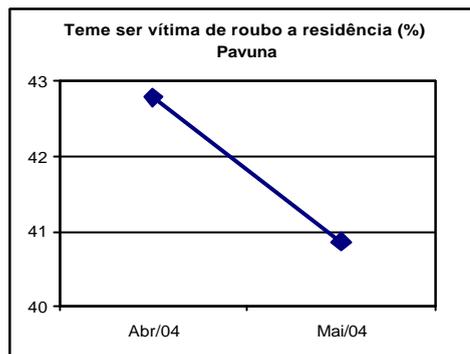
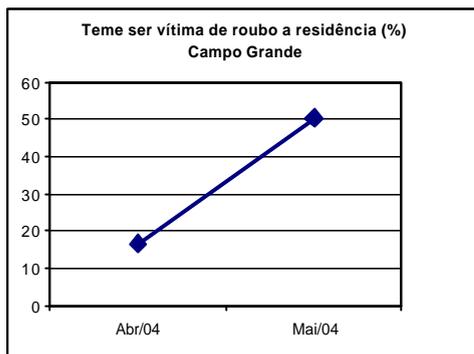
fonte: Boletim Mensal de Monitoramento e Análise, nº 12, 13 e 14, NUPESP, 2004.

Os números apresentados acima não podem se comparados entre bairros, dado que se tratam de locais com perfis distintos de realidade social em vários aspectos. Mas eles servem para comparar cada bairro consigo mesmo no que diz respeito à percepção da sociedade e ao risco de fato.

Vejamos por exemplo, a incidência de roubo à residência: em Campo Grande nos meses de abril e maio, quando foram feitas as entrevistas no bairro, foram 15 os casos registrados, sendo que houve uma redução de um caso de um mês para o outro, já o medo de ser vítima deste tipo de

crime aumentou de um mês para o outro. Na Pavuna, também nos meses de abril e maio, enquanto cresce o número de casos de roubo a residência, decresce o medo de ser vítima deste crime. Já na Lagoa, apesar do número de roubo a residência permanecer estável nos meses de abril, maio e junho, na percepção dos entrevistados o medo aumenta.

**Gráfico 11**



#### 4. CONCLUSÃO

Analisando os bairros que compõem a pesquisa sobre sentimento de insegurança, conclui-se que, independente do grau e tipos de risco a que cada população desses bairros está submetida, a percepção deste risco segue sempre uma mesma lógica, qual seja, a de que a perspectiva é sempre pior quanto mais distante ela estiver do local de moradia: a criminalidade na rua é sempre menor que a do bairro, que é menor que a criminalidade no município, que é menor que a do estado, que é menor que a do país. Sendo que, no bairro da Lagoa a percepção da criminalidade no último ano é a mais pessimista dentre os cinco bairros.

Esta visão pessimista quanto à segurança no bairro da Lagoa, cuja população é mais instruída, de melhor poder aquisitivo e com um grande número de moradores acima da faixa dos 45 anos (47,3% da amostra), pode ser favorecida pela frequência de casos de crimes cometidos contra o entrevistado ou algum familiar, 41% (tabela 4), e conhecimento de crimes ocorridos com outras pessoas no bairro, 68% (tabela 5).

Nos demais bairros, há um padrão seguido em todos os itens analisados, seja com relação à avaliação das instituições policiais, seja com relação às ações que causam insegurança no bairro, ou com relação à situação da violência no último ano. Cabe então, explorar, através de outras pesquisas que possam ir além dos indicativos aqui apontados, que aspectos específicos diferenciam esses bairros e porque a Lagoa se distingue tanto dos demais bairros.

As pessoas parecem esperar um comportamento dos agentes de segurança que vá além da operação do uso legítimo da força e ações de repressão (ver tabela 7). Espera-se por parte desses agentes uma atitude de respeito junto ao cidadão, para que se construa um sentimento de confiança com relação ao seu trabalho e se legitime o monopólio da força aplicada em defesa da ordem social.

## 5. NOTA METODOLÓGICA

A amostragem por cotas foi calculada a partir da base de dados do Instituto Pereira Passos (IPP) para os bairros do município do Rio de Janeiro, levando-se em conta a distribuição populacional por gênero e idade, proporcionalmente para um total de 400 entrevistas.

Cada bairro contou assim, com uma amostra de 400 questionários, espalhados em diversos pontos de circulação dentro do bairro, numa pesquisa de fluxo. O intervalo de confiança para cada pesquisa é de 95% para um erro de 5%.

O qui-quadrado é um teste não-paramétrico que mede o grau de independência entre duas variáveis. Toda relação entre variáveis tem um certo grau de independência, o qui-quadrado possibilita medir o quão independentes essas variáveis são entre si. Senão vejamos, se o qui-quadrado entre duas variáveis for alto (maior do 5%) a probabilidade dessas variáveis não terem relação entre si é alta, ou seja, tem boas chances de serem independentes. Mas, se por outro lado o qui-quadrado é baixo, ou menor ou igual a cinco por cento, isso significa que as probabilidades de serem independentes são baixas (até 5%), ou ainda existe uma alta probabilidade de serem dependentes entre si (95%). Em resumo, buscamos um qui-quadrado baixo uma vez que teríamos apenas 5% de chance de estarmos errados. Os testes não-paramétricos são utilizados quando necessitamos avaliar a relação entre variáveis categóricas, tais como sexo, cor, estado civil etc.

## BIBLIOGRAFIA

BECK, Ulrich. *Risk Society*, Londres: Sage Publications, 1992.

Boletim Mensal de Monitoramento e Análise, nº 12, 13 e 14, Rio de Janeiro: NUPESP/ISP, 2004.

GAROTINHO, Anthony. *Violência e Criminalidade no Estado do Rio de Janeiro: diagnóstico e propostas para uma política democrática de segurança pública*, Rio de Janeiro: Hama, 1998.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*, São Paulo: UNESP, 1998.

KANT de LIMA, Roberto; MISSE, Michel; MIRANDA, Ana Paula Mendes de. “Violência, Criminalidade, Segurança Pública e Justiça Criminal no Brasil: Uma Bibliografia”. *BIB – Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, 50, 2000.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. “Sociabilidade violenta: uma dificuldade a mais para a ação coletiva nas favelas”. *In: \_\_. Rio: a democracia vista de baixo*, Rio de Janeiro: IBASE, 2004.

ROCHÉ, Sebastian. *Le Sentiment d’insécurité*, Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

ROCHÉ, Sebastian. *Insécurité et libertés*, Paris: Seuil, 1994.

SENTO-SÉ, João Trajano. “Notas para um programa de pesquisa”, *Comum – Rio de Janeiro*, vol. 8, nº 21, p. 24-38, jul/dez 2003.

SILVA, Jorge da. *Segurança Pública e polícia: criminologia crítica aplicada*, Rio de Janeiro: Forense, 2003.